

Pacientes à espera da morte a conta-gotas

Vítimas da hepatite tóxica desistem de tentar a cura em hospitais e preferem ficar ao lado de parentes

Josenildo Tenório

Letícia Lins

Enviada especial

• CARUARU (PE). Os primeiros casos de doentes que tiveram alta do Hospital Barão de Lucena, em Recife, não modificaram em quase nada a rotina dos pacientes do Instituto de Doenças Renais de Caruaru (IDR) que contraíram hepatite tóxica em sessões de hemodiálise: eles continuam vivendo o drama da morte anunciada, e alguns decidiram se preparar para morrer em casa.

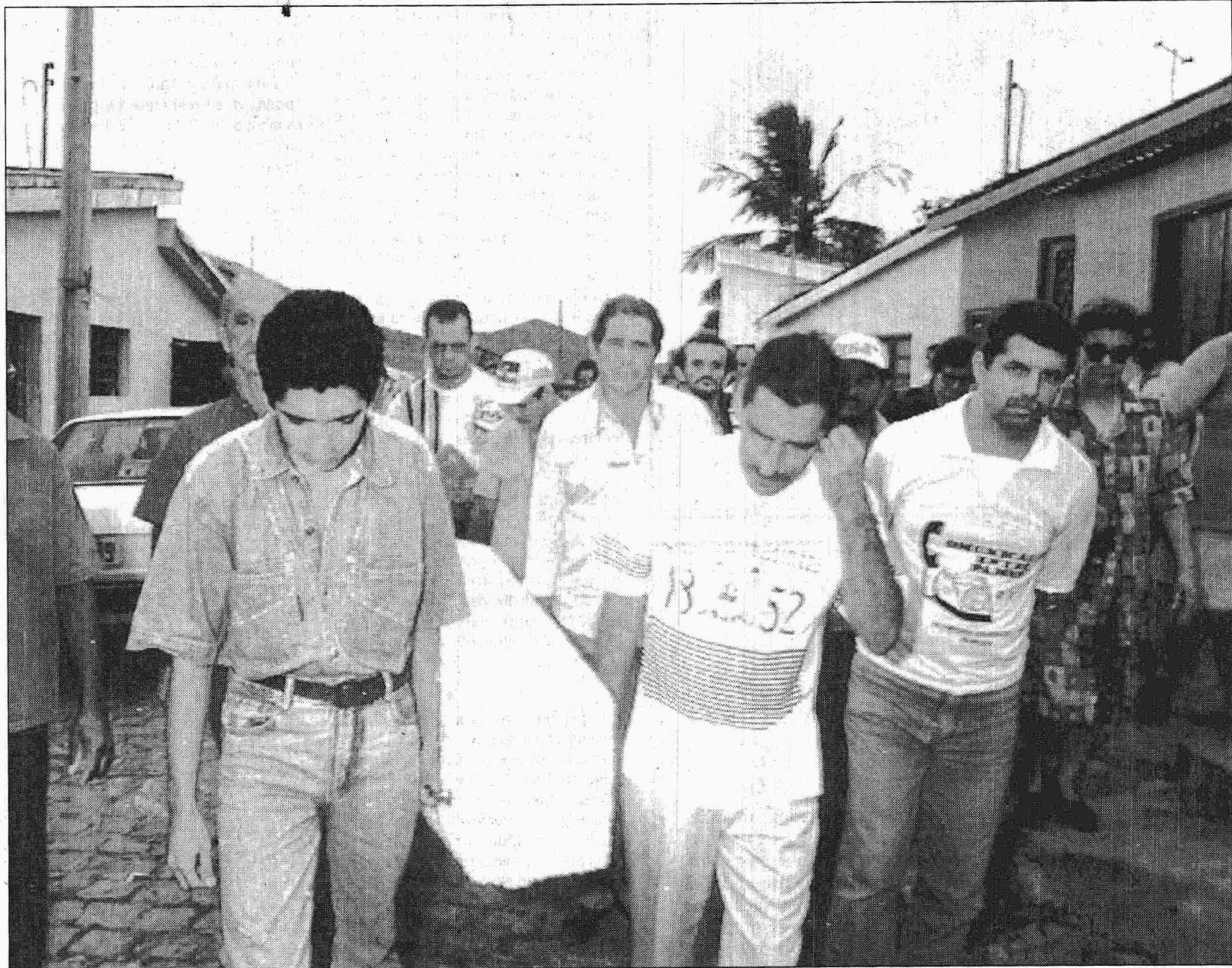
É o caso de Maria Suely Barbosa, de 35 anos. Ela fez hemodiálise durante dois anos e três meses no IDR e, como 125 outros pacientes, foi contaminada pela toxina que já matou 40 pessoas. Teve febre e vômitos, além de ficar com a visão escurecida, e foi transferida para Recife. Na noite de anteontem, dia do seu aniversário, viajou 130 quilômetros (de Recife a Caruaru) numa kombi oficial para ser entregue à sua família.

Suely não teve tempo de comemorar. Às 22h, foi socorrida, às pressas, no Hospital São Sebastião, em Caruaru. Estava de novo sem enxergar quase nada, suando frio e andando com dificuldades. Foi medicada e, no domingo, voltou para casa. Mas não mostrava a mesma animação. Suely já decidiu: vai continuar fazendo hemodiálise três vezes por semana, no Instituto de Nefrologia e Urologia de Caruaru, mas não volta para o Hospital Barão de Lucena, em Recife.

— Hospital não dá jeito. Já estou com o braço todo furado e a desgraça continua a mesma. Se tiver que morrer, morro em casa, junto da minha família — disse ontem em sua casa, de apenas três cômodos. A mãe de Suely, Maria José, e suas três irmãs já lhe prometeram que tomarão conta do seu filho, Rivaldo, que é paraplético e doente mental e, com 19 anos, ainda usa chupeta.

— Voltar para casa foi o mesmo que ganhar uma bola de ouro no dia do meu aniversário. Mas no estado em que estou, só espero o presente de me deixarem morrer em casa — disse, conformada.

A angustiante expectativa da família de Suely se repete por outros municípios vizinhos a Caruaru,



COM A MÃO na cabeça, Domingos de Oliveira, que também se submeteu à hemodiálise no IDR e já sente sintomas da hepatite tóxica, leva o caixão de Severino

ru, que mandavam pacientes para o IDR. Anteontem, mais dois pacientes da clínica foram sepultados. Antônio da Silva Leite, de 50 anos, foi enterrado em Pesqueira, a 86 quilômetros de Caruaru. E, em Bezerros, a família Cirilo não escondia a dor com a morte de Severino Cirilo, de 50 anos. Homem humilde, resolvera, ele mesmo, se transferir para o Barão de Lucena, em Recife. Achava que, tratado num centro maior, voltaria vivo à sua cidade para continuar a vida de pequeno comerciante, entre uma e outra sessão de hemodiálise. Voltou morto, e foi enterrado em Bezer-

ros, num caixão branco forrado de pelúcia — a última homenagem de parentes e vizinhos.

— Isso é uma chacina, meu Deus. Estamos diante de um bando de assassinos — dizia Pedro Cirilo, irmão de Severino.

A família de Severino achava que ele voltaria vivo, já que tinha tido uma melhora. O paciente pensava até que poderia ter passado a Páscoa em casa. Sua sobrinha, Janaína Cirilo atribuía a morte à pobreza das vítimas:

— Se os pacientes fossem irmãos de políticos, não teria acontecido esse descaso.

Em silêncio, o eletricista Do-

mingos José de Oliveira, de 42 anos, acompanhava a revolta dos parentes de Cirilo. Há cinco anos fazendo hemodiálise, ele também era paciente do IDR e submeteu-se a sessões nos dias em que acredita-se que os pacientes foram contaminados — entre 12 e 14 de fevereiro. Está com icterícia e os olhos amarelos, como se estivesse com hepatite, mas não quis se internar. Domingos acompanhou o enterro de Severino, segurou o caixão, rezou por ele, mas saiu do cemitério chorando.

— A cada companheiro de hemodiálise que vejo morrer, sinto que morro por dentro também —

disse ele, que três vezes por semana viaja 25 quilômetros para fazer hemodiálise.

No bairro miserável do Salgado — a três quilômetros do Centro de Caruaru — a tragédia se repete. Sofia Maria da Silva recebia todos os meses uma ajuda que o marido lhe enviava de São Paulo, para o sustento dos três filhos menores: Edson, de 16 anos, Fernando, de 14, e Simone, de 10. No início de fevereiro, Sofia ficou viúva e assumiu a responsabilidade pelos filhos, apesar das três sessões semanais de hemodiálise. No dia 27 de fevereiro, ela morreu no IDR. ■